

AFUNDANDO A PONTA E PEGANDO NA MÃO: A BRINCADEIRA DE PIÃO RACHANDO A EDUCAÇÃO

Flávio Nunes dos Santos Júnior

flajnr@yahoo.com.br

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Física escolar; Currículo cultural; Brincadeiras.*

Este relato representa um olhar dos tantos possíveis acerca da tematização da brincadeira de pião, durante um bimestre, junto com estudantes dos quartos anos do Ensino Fundamental I de uma escola da rede municipal da cidade de São Paulo, situada na região da zona sul, mais precisamente no distrito do Capão Redondo.

O ano de 2018 foi reservado para experimentar práticas que ainda não fossem vividas no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de Educação Física. Sendo assim, inspirados pelos princípios e procedimentos do currículo cultural (NEIRA, 2016;2018), acreditou-se que o momento seria oportuno para construção de experiências outras no ambiente escolar.

Desta maneira, o ponta pé inicial foi marcado pela vivência da brincadeira, tendo por intenção inicial realizar o procedimento didático de mapeamento. Entretanto o encontro entre sujeitos e objetos fez surgir grandes fluxos de falas, anúncios, que nos permitiu mapear, aprofundar, ressignificar e ampliar, tudo ao mesmo tempo, um jogo repleto de tensões e informações. "Professor, é muito ruim rodar na minha rua." "Onde você roda?" "Na minha casa." "Quem te ensinou, Luiz?" "Foi meu pai. Ele pega na mão. Os moleques lá são mó burro, colocam tampinha. Eu faço igual ao meu pai, faço um nó para colocar no dedo." "Meu pai rodava quando era criança, ele disse que brincava de rachar pião." "Meu tio sabe rodar." "Me dá o que tem ponta".

A partir das falas ecoadas em meio aos encontros, a vivência inicial possibilitou identificar parte do conhecimento dos estudantes alusivos à prática de pião. Com isso, percebeu-se que as crianças, junto aos seus familiares e conhecidos, já tinham uma certa relação com as brincadeiras que envolvem o pião. Sendo assim, inferiu-se que a manifestação tinha ocorrência na comunidade local onde a escola está situada.



Portanto, em meio ao reconhecimento do patrimônio cultural discente, a tematização foi artistada conforme as falas das crianças, num processo de descentralização do docente como portador de todo o saber necessário para promoção da aprendizagem. Sendo assim, aprender foi um processo constante que envolveu os diferentes atores de todo o processo, dando-se nas infinitas relações promovidas a cada aula.

Dessa forma, as discussões caminharam no sentido de desfamiliarizar os corpos autorizados a lidar com a manipulação do pião. "Pião é brincadeira de menino. Menina não sabe rodar". Essa foi uma das falas ditas pelos corredores e sala de aula, por entendê-la como uma produção social e discursiva que posiciona alguns sujeitos numa condição de total privilégio ao passo que marginaliza outros, as ações organizadas em aula buscaram fragilizar essa narrativa.

Destaco que as problematizações tecidas ao longo da tematização não foram disparadas única e exclusivamente pelo docente, as crianças também foram protagonistas das interrogações. Em alguns momentos, sequer foi preciso a verbalização para alcançar essa ação, os próprios discentes anunciadores da subjugação de certos corpos perceberam em meio à participação das colegas o quão frágil se mostrava tal discurso. "Até essa menina tá rodando, e eu não". "Ué, mas não foi você quem disse que menina não sabe rodar?". "Sai para lá, vou jogar fora esse negócio".

Na tentativa de intensificar o processo de ressignificação, aprofundamento e ampliação realizamos a assistência de vídeos disponibilizados na plataforma YouTube. O acesso nos permitiu identificar os seguintes pontos: diferentes tipos de pião; produção em variados contextos (indústria, indígena); os discursos impostos para transformações do pião e; as inúmeras possibilidades de rodá-lo.

Neste sentido, reconhecer e valorizar as diferentes formas de rodar o pião foi contemplado ao longo de todo o trabalho, mantendo o espaço sempre aberto, longe de determinismos e padrões. Assim, a cada aula se tinha a preocupação em anunciar que não havia um jeito certo, ao destacar que cada um podia buscar desenvolver a sua maneira de jogá-lo. Para tanto, aqueles e aquelas que dominavam a prática constantemente eram solicitados para explicar aos colegas com mais dificuldades, inúmeros foram os modos de manipulação explorados.

Contudo, a tematização tecida junto com as crianças, inspirada no currículo cultural da Educação Física, buscou potencializar a existência, o viver, a experiência. Privilegiando uma prática sempre aberta para novas possibilidades de significação, as discussões e vivências viabilizaram um novo conhecer, à medida que se apresentavam os diferentes corpos que produzem significações com o pião, bem como as transformações que marcaram esse objeto ao longo da história. Sendo assim, o trabalho foi atravessado pelas subjetividades presentes no momento, ao passo que as transformavam mediante as problematizações promovidas nos encontros.

LINK DO VÍDEO

O vídeo está disponível em:



Pião com cabaça

<https://www.youtube.com/watch?v=6cFgPoY7Rgs>

